

Os Mongóis e o Império dos Arqueiros Montados – O Arco e o Cavalo.

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

Os Estados organizados, geralmente, são os que detêm a superioridade militar, isso devido a sua estrutura sofisticada, tornando os seus soldados adestrados. Essa organização dava vantagens nas guerras e conseqüentemente obtenção das vitórias.

As tribos de guerreiros montados, nômades e seminômades, foram uma exceção a tal regra. Essas tribos não possuíam Estado e suas organizações sociais fundavam-se nas solidariedade das famílias, clãs e tribos.

Nos Estados organizados, invariavelmente, existia a divisão do trabalho que gerava, no campo militar, no soldado profissional de tempo integral.

Nas tribos, a divisão de trabalho era praticamente inexistente, todos os homens adultos eram guerreiros.

O treinamento dos cavaleiros tribais na arte da guerra ocorria diariamente.

Estes guerreiros vigiavam suas imensas áreas, e a sobrevivência e a manutenção do patrimônio do grupo dependia de uma incansável vigilância e da capacidade de responder de imediato a cada desafio.

Os Mongóis e o Império dos Arqueiros Montados – O Arco e o Cavallo.

CHINA



Estar pronto para se defender significava evitar ser espetado por uma seta ou ter a garganta cortada. Pilhar ou ser pilhado, perseguir ou fugir, para os cavaleiros nômades, tais acontecimentos eram rotinas.

As tribos não possuíam fartura de bens e nem confortos. A labutação diária implicava cuidados intermináveis com os rebanhos, de onde vinha a sua comida: carne e leite.

Aprendiam montados em seus cavalos a tocar as numerosas reses para as trilhas que desejavam. As técnicas aprendidas manobrando rebanhos foram usadas para guerrear contra as tropas dos Estados.

A caça, complemento econômico para as tribos, representava igualmente uma atividade cujas habilidades tinham imediata aplicação na arte de guerrear.

Alimentos e produtos mais refinados eram obtidos através da interceptação de caravanas que cruzavam o território dominado pelas tribos.

Os bens que traziam essas caravanas eram obtidos em sua maioria por meio de trocas ao invés de roubo. Geralmente, as caravanas traziam cereal, pescado salgado, tecidos, joias e armas (espadas, adagas ou pontas de ferro para lanças e flechas).

Scalercio revela que as tribos nômades e seminômades em um determinado momento da sua trajetória na história deram-se na expansão e conquista militar.

1. Os povos germânicos denominados indo-europeus, iniciaram, a partir de meados do segundo milênio antes de Cristo, um movimento migratório em direção às áreas do Mediterrâneo, da Europa atlântica e báltica, do golfo pérsico e do subcontinente indiano.

2. “(...) os indo-europeus introduziram em diversas regiões o cavalo — seus aristocratas combatiam em carros de guerra — e armavam-se com espadas e lanças manufaturadas em ferro” (p.108).

Os indo-europeus incorporavam povos inteiros aos seus grupos originais, e assim aumentavam sua capacidade militar, como também agregavam ao patrimônio intelectual das tribos as habilidades técnicas e administrativas dos povos incorporados.

Outros povos são os citas. Guerreiros furiosos e implacáveis, surpreendendo seus adversários em virtude de suas habilidades como cavaleiros e arqueiros.

1. Esses povos habitavam as áreas do Cáucaso, algumas de suas tribos migraram para terras próximas ao golfo pérsico, e muitos de seus guerreiros foram empregados como mercenários, especialmente pelos soberanos aquemênidas do Irã.
2. Os hunos, também eram das tribos nômades. Iniciaram suas migrações na direção do Ocidente entre 395-396 da nossa era. Após ter importunado os Estados chineses com seus ataques, os hunos migraram e levaram consigo os seus rebanhos e cavalaria.

Competiu aos hunos apresentar ao Ocidente o padrão de combate, cujas implicações militares para o sucesso dos povos montados foram importantes: a combinação do arco compósito e do cavalo.

Arco Composto e o Cavalo

Nenhuma arma era tão temível para combate a distância como o arco compósito.

Essa arma era composta por de uma amálgama de materiais como chifre de animal, resinas, madeira, couro e cola, e demorava um ano para ser produzida.

Alguns problemas devem ser abordados no que se refere ao manuseio dessa arma:

1. O primeiro consistia no tempo necessário para treinamento. Os arqueiros deveriam aprender a disparar a flecha em movimento, montados em seus cavalos.

2. O segundo problema referia-se aos cuidados requeridos à manutenção do arco. O arco deveria ser protegido contra a umidade, sendo guardado dentro de um estojo apropriado.

O arco compósito manteve-se como arma padrão de vários povos até meados do século XVII.

Na dimensão de esporte, até hoje os mongóis promovem competições de tiro com arco sobre o cavalo em seus festivais nacionais, e algumas associações húngaras praticam a modalidade com o fito de recuperar e preservar as velhas tradições magiares.

Outro elemento importante para guerra eram os cavalos. Esses eram de portes pequenos, porém velozes e muito resistentes. Um cavaleiro mongol, geralmente, possuía dois ou três cavalos.

Em alguns casos os mongóis capturavam os cavalos dos seus inimigos.

Uma das suas qualidades era a sua capacidade de dispersar e reagrupar com a rapidez de um raio.

A maestria dos cavaleiros revelava ainda o cuidadoso adestramento de seus cavalos para a guerra.

Em termos de armamento, os mongóis costumavam munir-se de longas lanças com ganchos e sabores. Com o tempo, passaram a usar blindagem corporal de melhor qualidade. Mas essa blindagem corporal não podiam ser pesadas demais a ponto de exaurir rapidamente as montarias e comprometer a velocidade.

*A grande expansão mongol: o império e a criação de um Estado permanente
mobiliza para a guerra*

No ano de 1206, o chefe tribal Temujin foi aclamado na assembleia das tribos dos mongóis como Gêngis Ka Khan.

Temujin impôs seu controle sobre os povos da estepe, reorganizou as tribos de um modo original.

As reformas feitas por Temujin serviram de pilares da organização do sistema de dominação imperial mongol.

Temujin estabeleceu entre os seus seguidores uma cadeia de comando que enfatizava a meritocracia, e isso fez com que muitos não contrariassem Temujin.

Houve também alterações no modo do tratamento aos povos vencidos da estepe.

O costume era que os guerreiros vencidos fossem executados e as mulheres e crianças escravizadas. Temujin considerou que era melhor a absorção das tribos e clãs derrotados no seio do povo mongol:

1. O gado e os cavalos eram unidos aos rebanhos dos mongóis;
2. Os guerreiros do Grande Khan contraíam núpcias com as esposas dos adversários mortos;
3. As crianças órfãs eram criadas por famílias mongóis;
4. Os guerreiros sobreviventes eram separados e distribuídos entre as diferentes unidades do exército para que não pudessem criar problemas.

Esses métodos só eram utilizados com povos que possuíam costumes diferentes, geralmente os nômades. Mas quando utilizados com povos sedentários, os mongóis entendiam que qualquer tentativa de absorção era praticamente impossível.

O sistema de absorção aumentava ainda mais a força militar dos mongóis.

Temujin impôs outras normas na arte de guerra mongol. Essas novas normas foram impostas na guerra contra o seu pior adversário: os tártaros.

Antes quando o inimigo era vencido, os nômades se dispersavam e começavam a pilhar, dando tempo para que os combatentes inimigos escapassem ilesos, carregando consigo suas armas e seus cavalos.

Temujin decidiu que a vitória deveria ser completa:

1. Tomar todo o rebanho e os cavalos;
2. Capturar todas as mulheres e crianças;
3. Aprisionar ou liquidar todos os guerreiros inimigos.

Os mongóis venceram os tártaros e em seguida Temujin ordenou o extermínio da aristocracia e distribuiu as pessoas comuns entre as tribos e clãs do povo mongol.

Mas nem sempre o sistema de absorção foi aplicado. Com o tempo, algumas tribos deixaram de ser incorporadas ao *Qamuq MonggolUlus*, e passaram a ser organizadas em frações separadas chamadas de aurug.

A mobilidade era um dos elementos essenciais nas suas vitórias.

Os mongóis eram muito bons em terras selvagens, a desolação do terreno não os intimidava, coisa que não acontecia com as tropas dos Estados organizados.

Porém, os mongóis tinham dificuldades em superar posições poderosamente fortificadas erguidas pelos povos sedentários. Isso porque faltava experiência aos mongóis na guerra de sítios.

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

Para vencer essa dificuldade, os mongóis resolveram mesclar as culturas guerreiras distintas. Isso era realizado através de conquista do controle absoluto das áreas do entorno da cidade fortificada, e a segunda era a captura dos inimigos vencidos que mostravam a arte do sítio a fortalezas.

Desde os tempos de Gêngis Khan, os mongóis adotaram o sistema decimal como base meticulosa para a organização das unidades de seu exército.

Entre os mongóis, a menor fração de guerreiros era constituída por um arban (unidade de dez homens). E cada uma dessas frações era comandada por um líder, sendo assim, uma unidade não era formada por membros de uma única tribo ou clã. Esse sistema garantia vantagem em termos de comando e combate.

As solidariedades tribais, recheadas por seus favoritismos, rivalidades e rixas de sangue eram substituídas pela solidariedade entre integrantes de unidade que combatiam.

A aristocracia foi substituída pela estrita obediência ao líder de unidade.

Em campo, o exército era dividido em três grandes corpos básicos, e cada um dos corpos tinha o seu próprio líder, e seus tamanhos em termos numéricos variavam de acordo com o plano de batalha.

1. O *baragnhum ghar* (ala direita);
2. O *je' um ghar* (ala esquerda);
3. O *töb ougol* (o centro ou pivô).

Foi criado no período de Gêngis Khan o *Keshik* (guarda pessoal). Contava com algumas centenas de guerreiros, e com o tempo ganhara relevo político na administração do império mongol.

Os integrantes do *Keshik* além de guardar as pessoas do Khan, eram também responsáveis:

1. Pela falcoaria;
2. Pela redação de decretos sagrados;
3. Pela preservação dos anais para o Khan;
4. Por cozinhar e servir bebidas;
5. Guardar e entregar a espada e o arco do Khan;

6. Guardar a *iurte* ou os portões do palácio;

7. Cuidar do abastecimento de vinho, entre outras funções.

O recrutamento dos membros *Keshik* dava-se pelo regulamento entre os filhos dos *noyad*.

Os *Keshik* tornou-se uma escola de formação de quadros para a administração do império.

Alguns membros dos *Keshik* poderiam ser destacados para serviços especiais, como por exemplo, liderar frações do exército, e podiam representar o Grande Khan onde se encontrasse presente.

O império nos territórios chineses

Na conquista do território chinês, os mongóis tiveram que utilizar muito a natureza administrativa do seu império.

Em 1215, o exército mongol conquistou Pequim e apossou-se de vastas áreas nortenhas da China.

Uma vez dominado o território chinês, os soberanos mongóis inauguraram, ao estilo chinês, uma nova casa reinante: a dinastia Yuan.

No início, os mongóis não haviam recebido influência chinesa. Os novos senhores, não familiarizados com os métodos político-burocráticos da terra, aplicaram um sistema administrativo baseado em princípios militares e tribais.

Com o passar do tempo, os mongóis perceberam que para governar o povo da China o melhor seria adotar os velhos métodos chineses.

A transição iniciou nos tempos do Grande Khan Ogodai (1229-1241), esse controlava as vastas terras do norte do país.

Yelu Chucai, funcionário chinês, convenceu Grande Khan a adotar os métodos administrativos e pessoal chineses, e o persuadiu quanto às vantagens da restauração do sistema fiscal regular.

Os impostos arrecadados em data fixa eram bem mais organizado do que as intermitentes requisições e arrestos levados a cabo pelos novos senhores mongóis.

Essas ponderações justas garantiram a Yelu Chucai a nomeação para o cargo de administrador geral de todos os territórios chineses sob o controle do Grande Khan.

Durante o domínio mongol, os métodos de administração chineses aplicavam-se quase exclusivamente à etnia Han e às demais minorias étnicas que se espalhavam pelo território da China. Os mongóis eram excluídos desses métodos, e mantinham suas regras tribais.

Os mongóis em território chinês se restringiam às áreas administrativas, aos palácios sob seu controle ou a seus habituais acampamentos.

Outra questão que diz respeito a essa pouca interação é que a maioria dos povos mongóis dificilmente mantinha-se residindo permanentemente nos territórios sedentários conquistados.

Os mongóis eram nômades e gostavam de viver em espaços abertos, e também em virtude da necessidade de assegurar que a numerosa cavalaria do exército se mantivesse saudável.

Os mongóis e os chineses possuíam um sentimento de repulsa cultural recíproca: os mongóis tendiam a considerar o modo de vida dos chineses e dos sedentários desprezíveis; e os chineses percebiam os mongóis com mais um grupo de bárbaros lamentáveis.

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

“Após o período de Gêngis Khan, o império mongol, além de consolidar suas posições na China, no Tibete, na península coreana e na Ásia Central, avançou em direção do sul da Ásia, alcançando o subcontinente indiano, o sudeste da Ásia, incorporando a região norte da Indochina, marchou sobre o oeste, impondo sua autoridade no Afeganistão, Irã, leste de Anatólia e na Mesopotâmia, adentrou a Europa, estabelecendo a tutela sobre áreas da Rússia e enviando expedições de reconhecimento armado que atingiram os territórios da Polônia e Hungria” (p.113).

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

A intensidade da presença mongol nessas diferentes localidades variavam. Em alguns lugares eram mantidos os grupos dominantes, e a tutela mongol reconhecida por meio de pagamento de tributos; em outros locais o império era mais sólido.

O terror era a maneira mais usada para manter sua autoridade. As cidades que se recusasse a obedecer ao exército do Khan eram literalmente obliteradas. Os atos de violência cometidos pelos mongóis àqueles que não os obedecessem eram espalhados rapidamente.

As dimensões territoriais do império mongol, a diversidade cultural e as enormes distâncias impediam a centralização política ou homogeneidade. Por isso se constituíram diferentes khanatos semi-independentes.

Os khanatos governavam por conta própria, estabelecendo vínculos com as aristocracias e burocracias regionais, bem como com as lideranças religiosas locais.

Religiões

Os mongóis não criaram problemas com relação às religiões.

Quando assumiram o status de povo imperial, sua atitude a respeito das religiões foi não-dogmática e aberta.

A maioria dos mongóis continuaram fiéis aos antigos costumes religiosos dos seus ancestrais, cultuavam o céu, os espíritos da natureza e os rituais xamânicos.

Alguns membros da elite eram estimulados por imensa curiosidade quanto ao debate religioso.

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

Outros mongóis, às vezes tribos inteiras, converteram-se a alguma religião, como o budismo, o islamismo, o cristianismo.

Os mongóis dificilmente se apraziam em debater os argumentos das doutrinas dos povos sob a sua tutela. A única exceção parece ter sido o taoísmo na China.

A resistência de comunidades taoístas ao poder da dinastia Yuan levou os governantes mongóis a promoverem repressões contra adeptos dessa religião.

Mas é preciso ressaltar que as ações contra os taíosta não foram por causas religiosas, mas políticas.

Defendendo os ermos do império – a organização dos “exércitos *Tamma*”

Os “exércitos *Tamma*” representaram instituições-chaves para a garantia do controle mongol sobre áreas conquistadas do império.

Esse exército era uma força militar integrada por um destacamento de vanguarda, o *algincin*, e a unidade principal, a *Tamma* propriamente dita, era composta por guerreiros procedentes de diferentes tribos, e seus comandantes nem sempre eram de origem mongol.

A *Tamma* era considerada uma força especial, tendo como função controlar regiões recentemente ocupadas, repelir ataques e esmagar rebeliões.

Um campo *Tamma* cumpria papel similar aos dos castelos europeus e das muralhas da China. Tinha o dever de vigiar territórios, manter a paz e repelir indesejáveis.

Os *Tammas* vigiavam a famosa Rota da Seda. Um grupo de salteadores que se atrevessem a quebrar a lei do Grande Khan atacando viajantes que faziam o caminho da seda sofreria a terrível perseguição dos *Tammas*, que só descansariam após terem capturado e eliminado todos os bandidos.

Algumas vezes o “exército *Tammās*” se desmobilizava, e se deslocava para áreas diferentes constituindo um novo campo. Isso porque os mongóis não possuíam uma política fronteiriça.

Segundo Scalercio, “o império mongol, em termos territoriais, superava seus antecessores persas, macedônicos e romanos” (p.115).

Se o mundo não pode ser governado a cavalo, melhor então que outros o governem

No ano de 1369, a dinastia estrangeira e bárbara de Yuan foi derrubada.

Os mongóis foram expulsos da China, e uma nova dinastia começou a vigorar: a dinastia dos Mings.

O período final da derrubada dos mongóis foi marcado por desordens civis e confusão, e os demais chefes mongóis de fora da China nada fizeram para ajudar os soberanos Yuan.

Os mongóis não queriam mudar seu estilo de vida, mesmo que isso custasse a perda de um império.

Em 1644, quando se apossaram da China e eliminaram a dinastia Ming, os jurchen (mais tarde denominados manchu) aceitaram a conversão à vida sedentária e aos elementos fundamentais da cultura chinesa.

O sultão dos turcos-otomanos, quando se deslocavam pelo deserto, passavam a noite numa tenda, similar a dos tempos dos cavaleiros e pastores errantes.

Porém essas tendas eram forradas por tapetes luxuosos e confortáveis coxins.

Os pajens tinham o cuidado de posicionar o estojo com o arco e uma alijava fornida de seta. O estojo era ornado de pedras preciosas, e as setas nunca eram disparadas contra o inimigo.

O estilo de vida nômade agora era uma lembrança ritualizada.

O povo mongol, por sua vez, insistiu em preservar seu estilo de vida. O império se foi, em larga medida, por causa disso.

Com a Era Moderna, a artilharia e as armas de fogo portáteis aperfeiçoadas pelo engenho dos povos sedentários eliminaram as chances de um líder dotado de talento militar e ambição reunir novamente os arqueiros do platô e levar de roldão o mundo sob as patas de seus cavalos.

E assim, foi-se o tempo em que o mundo podia ser conquistado a cavalo.

Referência Bibliográfica: SCALERCIO, Márcio. Os Mongóis e o Império dos Arqueiros Montados – O Arco e o Cavalo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (coordenadores). Impérios na História. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2009.

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila